

0 TEOREMA KATHERINE

**DIVERTIDO,
ESPIRITUOSO E
FASCINANTE.**

SCHOOL LIBRARY JOURNAL

**DELICIOSAMENTE
pretensioso
e sutilmente
INTELECTUALIZADO.**

BOOKLIST

ROMANCE E MELANCOLIA

contrabalançados pelo

TOM IRÔNICO,

excepcionais notas de rodapé e
matemática complexa.

KIRKUS REVIEWS

**AO MESMO TEMPO, UMA
SÁTIRA E UM TRIBUTO
A VÁRIOS E CÉLEBRES
PREDECESSORES.**

THE HORN BOOK

Imagine uma sala
de cirurgia pronta
para o início de
um procedimento
arriscado, porém
muito bem ensaiado,
e você terá uma
noção da atmosfera
de *O TEOREMA*
KATHERINE: todos
os detalhes foram
pensados, a ação se
desenrola com graça
e inevitabilidade.

THE NEW YORK TIMES

BOOK REVIEW

**ENGRAÇADO,
CATIVANTE E
IMPREVISÍVEL.**

THE MINNEAPOLIS

STAR TRIBUNE

JOHN GREEN



O TEOREMA KATHERINE

Tradução de Renata Pettengill

inrínseca

Copyright © 2006 by John Green
Copyright da tradução © 2012 by Editora Intrínseca
Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução, no
todo ou em parte, em quaisquer meios. Publicado mediante acordo
com Dutton Children's Books, uma divisão do Penguin Young
Readers Group, membro do Penguin Group (USA), Inc.

TÍTULO ORIGINAL

An Abundance of Katherines

REVISÃO

Umberto Figueiredo Pinto

REVISÃO TÉCNICA DE MATEMÁTICA

Anna Maria Sotero da Silva Neto

ADAPTAÇÃO DE CAPA

ô de casa

DIAGRAMAÇÃO

Editoriarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G83t

Green, John, 1977-

O teorema Katherine / John Green ; tradução de Renata
Pettengill. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2013.

304 p. : 21 cm

Tradução de: An abundance of Katherines

ISBN 978-85-8057-315-2

1. Ficção americana. I. Pettengill, Renata. II. Título.

13-0828.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para minha mulher, Sarah Urist Green,
anagramatizada assim:*

Her great Russian
Grin has treasure—
A great risen rush.
She is a rut-ranger;
Anguish arrester;
Sister; haranguer;
Treasure-sharing,
Heart-reassuring
Signature Sharer
Easing rare hurts.

“Mas o prazer não é ser dona da pessoa. O prazer é isso.
Ter uma concorrente no mesmo quarto com você.”
— Philip Roth, *A marca humana*

* Não ousaríamos reanagramatizar em português tão poética dedicatória. (N.E.)

(UM)

Na manhã seguinte à formatura do ensino médio e depois de ser dispensado por sua décima nona Katherine, o célebre menino prodígio Colin Singleton tomou um banho de banheira. Colin sempre preferiu banhos de imersão; uma das regras fundamentais em sua vida era nunca fazer em pé qualquer coisa que pudesse realizar, com a mesma facilidade, deitado. Ele colocou os pés na banheira assim que a água esquentou, sentou-se e ficou observando, com o rosto estranhamente sem expressão, enquanto a água subia. Foi encobrendo suas pernas, que estavam dobradas e cruzadas. Colin percebeu, embora sem muito ânimo, que estava muito comprido e grande demais para aquele espaço — parecia uma criatura praticamente adulta brincando de ser criança.

Quando a água começou a banhar sua quase ausente mas nada definida barriga, ele pensou em Arquimedes. Quando Colin tinha uns 4 anos, leu um livro sobre Arquimedes, o filósofo grego que descobriu, ao se sentar numa banheira, que o volume de qualquer corpo poderia ser calculado com base no deslocamento da água. Ao chegar a essa conclusão, dizem,

gritou “*Heúreka!*”¹ e saiu correndo pelado pela rua. O livro dizia que muitas descobertas importantes continham um “momento eureka”. E mesmo então, com tão pouca idade, Colin queria muito ser o autor de descobertas importantes, o que o fez perguntar à mãe assim que ela chegou em casa aquela noite:

— Mamãe, algum dia eu vou ter um “momento eureka”?

— Ah, meu querido — ela disse, pegando sua mão. — Qual é o problema?

— Eu quero ter um *momento eureka* — ele respondeu, da mesma forma que outra criança teria expressado a vontade de ter uma das Tartarugas Ninja.

Ela encostou as costas da mão na bochecha dele e sorriu, os rostos tão próximos que dava para ele sentir o cheiro de café e maquiagem.

— Mas é claro, Colin, filhinho. É claro que você vai ter.

Só que as mães mentem. Está na descrição do cargo delas.

Colin respirou fundo e deslizou o corpo, mergulhando a cabeça. *Estou chorando*, pensou, abrindo as pálpebras para enxergar embaixo da água cheia de sabão que fazia seus olhos arderem. *Quero chorar, então devo estar chorando, mas é impossível dizer ao certo dentro d’água*. E não estava. Estranhamente, estava deprimido demais para derramar lágrimas. Magoado demais. A sensação era de que Katherine havia roubado dele a parte que chorava.

Colin destampou o ralo, ficou de pé, enxugou-se e vestiu-se. Quando saiu do banheiro, viu os pais sentados, juntos, em sua cama. Nunca era um bom sinal quando ambos estavam em seu quarto ao mesmo tempo. Historicamente, aquilo significava:

¹“Eureka!” Do grego: “Achei!”

1. Sua avó/seu avô/sua tia-Suzie-que-você-não-conheceu-mas-acredite-era-legal-e-é-uma-pena morreu.
2. Você está deixando que uma garota chamada Katherine o distraia dos estudos.
3. Os nenéns são gerados por meio de um ato que em algum momento você achará interessante, mas que por enquanto só o deixará horrorizado, e, além disso, às vezes as pessoas fazem coisas que incluem algumas etapas do ato de gerar nenéns que, na verdade, não incluem a fabricação de nenéns, como beijar o outro em lugares que não ficam no rosto.

Nunca significou:

4. Uma garota chamada Katherine ligou enquanto você estava no banho. Ela sente muito. Ela ainda o ama e cometeu um erro imperdoável, e está esperando você lá embaixo.

Mas, mesmo assim, Colin não pôde evitar nutrir a esperança de que seus pais estivessem no quarto para dar uma notícia do tipo 4. Em geral, o garoto era pessimista, mas parecia fazer uma exceção para as Katherines: sempre achava que voltariam com ele. Aquela sensação de amar e ser amado invadiu seu ser, e ele pôde sentir o gosto da adrenalina no fundo da garganta — e quem sabe não acabou, e quem sabe ele iria poder sentir o toque da mão dela de novo, e ouvir aquela voz alta e aguda se transformando num sussurro na hora de dizer eu-te-amo do jeito rapidinho e baixinho como sempre fizera. Ela falava *eu te amo* como se fosse um segredo; e um dos grandes.

O pai ficou de pé e deu um passo em sua direção.

— A Katherine ligou para o meu celular — ele disse. — Está preocupada com você.

Colin sentiu a mão do pai em seu ombro e, em seguida, os dois se aproximaram e se abraçaram.

— Estamos muito preocupados — a mãe falou. Ela era baixa e tinha cabelos castanhos e encaracolados com uma única mecha branca na frente. — E surpresos — acrescentou. — O que aconteceu?

— Não sei — Colin disse, baixinho, encostado no ombro do pai. — Ela simplesmente... não me aguentava mais. Cansou de mim. Foi o que ela disse.

Aí a mãe se levantou e foi um tal de se abraçarem, braços para todo lado, até que ela começou a chorar. Colin se desvencilhou dos abraços e sentou-se na cama. Sentiu uma necessidade absurda de expulsá-los do quarto imediatamente, como se fosse explodir se não saíssem. Literalmente. As vísceras espalhadas pelas paredes; o cérebro prodigioso jogado na colcha da cama.

— Bom, em algum momento precisaremos sentar e avaliar suas opções — o pai disse. Ele era fã de avaliações. — Não estou tentando ver o lado bom, nem nada, mas parece que agora você terá tempo livre no verão. Um curso de férias na Universidade Northwestern, talvez?

— Quero muito ficar sozinho, só hoje — Colin respondeu, tentando transmitir uma aura de tranquilidade para que os dois fossem embora e ele não explodisse. — Então, podemos fazer essa avaliação amanhã?

— É claro, querido — a mãe respondeu. — Estaremos aqui o dia todo. Desça a hora que quiser, e nós o amamos, e você é tão, tão especial, Colin, e não pode de jeito nenhum deixar que essa garota o faça sentir qualquer coisa diferente disso, porque você é um garoto magnífico e genial...

E, naquele exato momento, o garoto mais especial, magnífico e genial do mundo correu para o banheiro e botou os bofes para fora. Uma explosão, por assim dizer.

— Ah, Colin! — a mãe gritou.

— Só preciso ficar sozinho — ele insistiu, do banheiro. — Por favor.

Quando saiu, os pais tinham ido embora.

Pelas quatorze horas que se seguiram, sem fazer uma pausa sequer para comer, beber ou vomitar de novo, Colin leu e releu o anuário da escola, que recebera apenas quatro dias antes. Tirando o blá-blá-blá costumeiro dos anuários, o seu continha setenta e duas assinaturas. Doze eram só as assinaturas mesmo, cinquenta e seis mencionavam sua inteligência, vinte e cinco diziam que gostariam de tê-lo conhecido melhor, onze falavam que foi legal tê-lo como colega de turma na aula de inglês, sete incluíam as palavras “esfincter da pupila”² e impressionantes *dezessete* terminavam com “Fique tranquilo!”. Colin Singleton não poderia *ficar* tranquilo mais que uma baleia-azul poderia *ficar* magrinha ou Bangladesh poderia *ficar* rico. Provavelmente, aquelas dezessete pessoas estavam brincando. Pensou naquilo — e refletiu sobre como vinte e cinco de seus colegas de turma, alguns dos quais haviam frequentado a escola ao seu lado doze anos seguidos, poderiam ter desejado “conhecê-lo melhor”. Como se não tivessem tido oportunidade.

Mas, acima de tudo, naquelas quatorze horas, ele leu e releu a dedicatória de Katherine XIX:

Col,

A todos os lugares aonde fomos. E a todos aonde iremos.

E a mim, aqui sussurrando de novo, de novo, de novo e de novo: euteamo.

Para sempre sua, K-a-t-h-e-r-i-n-e

• • •

²Mais sobre isso adiante.

Por fim, Colin achou que a cama estava confortável demais para seu estado de espírito e, por isso, deitou de barriga para cima com as pernas esparramadas pelo carpete. Ele começou a criar anagramas de “para sempre sua” até que achou um que lhe agradou: *se um pesar para*. Então ficou deitado ali imaginando se o seu pesar pararia, e repetiu mentalmente a já decorada mensagem, e quis cair no choro, mas em vez disso sentiu apenas uma dor no plexo solar. Chorar é algo *a mais*: é você mais as lágrimas. Mas o sentimento que Colin carregava era um macabro choro ao contrário. Era você menos alguma coisa. Ele ficou pensando naquela expressão — *para sempre* — e sentiu uma queimação logo abaixo da caixa torácica.

Doía como a pior surra que já tomara. E ele já havia tomado muitas.